

## NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES EM ARTES VISUAIS: EXPLORANDO AMBIENTES E PRÁTICAS EDUCATIVAS COM EGRESSOS DO IFCE

Gilberto Andrade Machado\* Antonio Aricles Cassiano da Costa\*\* Mírian Soares Rocha\*\*\*  
Ana Virginia de Almeida Lopes\*\*\*\* Paulo Cesar da S. Carlos\*\*\*\*\*

### RESUMO

Discute-se a experiência docente em Artes Visuais a partir de uma coleta de falas de egressos convidados para a I e a II Semana de Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará – SAVIFCE. Foram relatadas experiências em diferentes contextos educativos como: escolas de ensino fundamental, projetos sociais e ONGs, centros culturais, ateliês terapêuticos e editais públicos. As experiências docentes relatadas pelos egressos do CSTAP confirmam a demanda reprimida de profissionais de Artes Visuais para esses contextos, em especial para o Ensino Fundamental e o Médio. Embora, a cidade por meio de alguns equipamentos culturais públicos, tenha estabelecido uma conexão mais ampla com artistas de outros lugares do país e do mundo, pouco se discute sobre os parâmetros que animam a implementação das políticas públicas para o ensino de Arte. Destaca-se o desafio atual do curso de licenciatura em Artes Visuais do IFCE que é integrar dinâmicas que efetivem a formação de um artista-professor-pesquisador capaz de lidar com essas demandas educativas que não se limitam à escola. Considera-se a licenciatura em Artes Visuais não como uma formação compulsória, mas como um contexto acadêmico diversificado no qual se engendram múltiplos caminhos para a atuação do artista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes visuais. Formação profissional. Mercado de trabalho.

### NARRATIVES OF TEACHING EXPERIENCES IN VISUAL ARTS: EXPLORING EDUCATIONAL ENVIRONMENTS AND PRACTICES WITH GRADUATES FROM THE IFCE

### ABSTRACT

*This article discusses the experience professor in visual arts from a collection of testimonies of ex-students were invited to the 1st and 2nd Week of Visual Arts of the Federal Institute of Ceará - SAVIFCE. Were reported experiences in different educational contexts such as: mediation in cultural centers; atelier therapeutic; participation in public edict; elementary school; social projects and NGOS. The teaching experiences reported by alumni of the CSTAP confirm the pent-up demand for professionals in visual arts in these contexts, in particular for the Primary and Secondary Education. Although, the city, by means of some of the equipment public cultural has established a connection more widely with artists from other places in the country and the world, there is little discusses the parameters that inspire the implementation of public policies for the teaching of Art. The current challenge for degree course in visual arts IFCE is to integrate the dynamics that effect the formation of an artist-teacher-researcher can deal with these educational demands that are not limited to school. It is considered a degree in visual arts as a non-compulsory education, but as a diverse background in which they engender multiple paths to the work of the artist.*

**KEYWORDS:** Visual arts. Vocational training. Labor market.

(\*) Professor Doutor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, *campus* de Fortaleza. E-mail: gilmach@hotmail.com

(\*\*) Aluno do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, *campus* de Fortaleza. E-mail: aryclesvip@yahoo.com.br

(\*\*\*) Aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, *campus* de Fortaleza. E-mail: mirian\_scorpion@hotmail.com

(\*\*\*\*) Aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, *campus* de Fortaleza. E-mail: ana\_lopes08@hotmail.com

(\*\*\*\*\*) Aluno do curso de Licenciatura em Artes Visuais Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, *campus* de Fortaleza. E-mail: pc.carlos@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa algumas práticas educativas em Artes Visuais apreendidas nas narrativas de egressos do Curso Superior de Tecnologia em Artes Plásticas do Instituto Federal do Ceará, coletadas durante a I e a II Semana de Artes Visuais - SAVIFCE. Os eventos aconteceram entre 23 e 28 de Agosto de 2010, e, entre 22 e 26 de Agosto de 2011. O primeiro evento propunha a discussão sobre o mercado de trabalho em Artes Visuais em Fortaleza, privilegiando seis áreas nas quais atuavam alguns egressos: Docência; Mediação Cultural; Terceiro Setor; Contextos Terapêuticos; Editais Públicos; Ilustração Gráfica e Produção de Quadrinhos.

O tema da I Semana de Artes Visuais foi “A inserção profissional dos (ex) alunos de Artes Visuais do IFCE no circuito das artes”. Embora o termo circuito possa inicialmente sugerir um contorno, uma delimitação territorial, ao evento interessava explorar a rede de conexões que se estabeleciam entre esses profissionais e os diferentes suportes institucionais que a cidade suscitava como fluxo de trabalho e no qual se estabeleciam as demandas pela atuação de artistas visuais.

O segundo evento foi decorrente do primeiro e focou a docência, problematizando as estratégias institucionais para a formação inicial de professores de Artes Visuais. Dentre outros temas, discutiram-se as ações solidárias de formação artística, em especial as estratégias dos coletivos de arte; os desafios do estágio supervisionado e do estágio profissional na formação do artista professor.

Analisando falas de egressos que participaram dos dois eventos, observou-se que a ação docente em Artes Visuais não se restringia apenas às atividades da escola formal. Para tanto, elegeram-se depoimentos sobre algumas práticas educativas que permeiam experiências de docência como estratégia de atuação profissional em contextos específicos.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a I SAVIFCE foram organizadas seis mesas redondas nas quais atuaram 19 egressos convidados. Os temas abordados em cada mesa, foram: Editais no circuito da arte como experiência (mesa I); Ilustração e Quadrinhos: as questões de criação e de mercado (mesa II); A docência na construção de saberes em Artes Visuais (mesa III); Arte/Educação no terceiro setor: socializando conhecimentos (mesa IV); Recursos artísticos em contextos terapêuticos (mesa V) e Experiências compartilhadas de mediação entre arte e público (mesa VI).

Todas as mesas redondas foram registradas em vídeos. Alguns recortes das falas dos convidados e dos mediadores das mesas foram agrupados e analisados conforme algumas variantes emergentes de seus discursos, tais como: trajetória da graduação e da inserção no mercado de trabalho, a produção autoral; o diferencial da formação acadêmica; a docência em arte e seus contextos; a identidade do Tecnólogo em Artes Plásticas e o cotidiano profissional.

Para a II SAVIFCE foram organizadas quatro mesas redondas, três conferências e quatro mini-cursos. Esse evento contou com a participação de 07 egressos convidados e de docentes de outras instituições, alunos e professores das licenciaturas em Artes Visuais e em Teatro do IFCE. Todas as ações foram registradas em fotografia e cada mediador apresentou na avaliação geral do evento algumas observações que ajudaram a construir esse documento.

As mesas redondas se iniciaram com a apresentação de pesquisas dos professores do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CLAV que estão desenvolvendo estudos de doutoramento, e de explicações sobre como estes estudos incidem positivamente na formação inicial dos licenciandos. Na segunda mesa, compartilhou-se a experiência de professores que atuam em cursos de licenciatura em Artes Visuais em Fortaleza e de uma egressa que atua como professora de Artes Visuais na Universidade Federal do Vale do São Francisco, em Juazeiro-BA. A terceira mesa, composta apenas de egressos, discutiu como os artistas visuais desenvolvem estratégias solidárias de formação com diferentes públicos, animam eventos e circulam com estes pela cidade. A última mesa pontuou o estágio supervisionado e a disciplina Arte, os projetos e programas desenvolvidos pelas secretarias de educação para as escolas públicas municipais.

Nas conferências se discutiu sobre alguns aspectos do feminino nas artes visuais; sobre a mediação em centros culturais de Fortaleza; e sobre os efeitos da economia criativa na produção dos artistas visuais. Nos

mini-cursos aprendeu-se a confeccionar e a manipular bonecos cênicos, a encadernação artesanal, a trabalhar a voz e o corpo em sala de aula e vivenciar práticas inclusivas de teatro.

Dessa polifonia de experiências, narradas por 25 egressos, em dois momentos distintos, elegeram-se apenas aquelas que articulavam a transformação pedagógica de saberes curriculares inseridos ou agregados em trajetórias particulares de experiência profissional. Sob essa perspectiva, Souza (2004, p.393) reforça que “a narrativa [...] permite ao sujeito compreender, em medidas e formas diferentes, o processo formativo e os conhecimentos que estão implicados nas suas experiências ao longo da vida porque o coloca em ‘transações’ consigo próprio, com outros humanos e com o meio natural.” Considera-se experiência docente as narrativas que desafiam os próprios saberes e identificam a administração das próprias ideias para compartilhá-las com outros, independente dos contextos onde elas acontecem.

Ao narrar seus ‘descaminhos’ como docentes, por territórios de negociações e incertezas, os egressos convidados apontavam cruzamentos, salientando ambientes e explorando práticas, até então, pouco compartilhadas. Com o propósito de resguardar a identidade dos narradores, cada um foi identificado por uma cor.

### 3 O TECNÓLOGO EM ARTES VISUAIS

Ao discutir a universidade e a vida atual, Ribeiro (2003) questiona as promessas de segurança e de certeza quanto ao futuro do mercado de trabalho dadas pelas instituições de ensino. Esse mercado nunca foi tão imprevisível como é o de agora. As histórias de sucesso profissional, até há pouco tempo, tidas como orientadoras da formação profissional de jovens eram pautadas numa educação conformadora, preparada para condicionar o trabalhador a sentimentos como temor, fidelização e aceitação de sua posição na empresa. Somava-se a isso pouca inovação tecnológica, muitos elogios e pouca disputa por salários. Isso talvez funcionasse com carreiras tradicionais, porém as histórias de sucesso de artistas, (independente da modalidade em que atuem: Teatro, Dança, Cinema, Música, Artes Visuais etc), a partir da segunda metade do século XX, têm a ver com uma produtividade contínua que, articulada com os meios de comunicação de massa, convertem-se em algum retorno financeiro e reconhecimento público.

Em Fortaleza, a discussão sobre o mercado de trabalho em Artes Visuais só ganhou alguma notoriedade a partir da segunda metade da década de 1990, quando as diretrizes de um novo momento econômico foram se desenvolvendo no país, criando postos de trabalho para indivíduos autônomos que atendiam às demandas de um consumo emergente cada dia mais especializado. Os cursos de designer (de designer gráfico, de objetos, de moda, de móveis etc) surgiam como uma resposta à imbricação entre as Artes Visuais e a indústria de consumo que de um modo geral buscava alternativas estéticas para atender à comercialização de bens e serviços.

Esse momento econômico foi marcado pela institucionalização do ensino formal em Artes Visuais na cidade e pela atenção que se deu à qualificação de alguns artesãos integrando-os aos circuitos da indústria turística. Desse modo, diferentes tipos de público se inseriram numa cultura visual pontuada por várias expressões artísticas até então isoladas pela ausência de equipamentos e políticas públicas.

A tese de Ribeiro (2003) diz que a academia não deve sacrificar o que ela tem de melhor: o espaço de liberdade, criação e cultura, para tentar se ajustar a um mercado de trabalho cada dia mais impreciso e obsoleto. Para o autor, as instituições estão se tornando novas escolas que ensinam rotinas e procedimentos, e, como estas são mais afetadas pelas mudanças tecnológicas, são elas também que apontam um tipo de profissional desejado.

Pressupõe-se que o espírito de inquietação estimulado na formação do artista visual deveria prepará-lo não só para a produção autoral, mas também para o inesperado como a conversão de saberes de outras áreas e o desenvolvimento de novas competências. Não se trata de discutir as noções de competência como ordenadoras das relações de trabalho, mas questioná-las como ordenadoras das relações educativas; isto é, o corpo de conteúdos disciplinares com o qual se efetuam escolhas para cobrir conhecimentos considerados importantes, precisa de situações concretas para validá-los (RAMOS, 2001).

Vale salientar que os primeiros cursos de graduação de artistas visuais em Fortaleza vivenciaram impasses na elaboração do perfil de egressos, privilegiando a prática de ateliê, incentivando a produção autoral, reduzindo confrontos com outras atividades que gerassem respostas estéticas coletivas, ergonômicas e técnicas.

Pressupunha-se um artista autônomo que dominasse vários instrumentos e materiais e que fosse capaz de negociar com a produção tecnológica contemporânea. As proposições institucionais de ensino ainda se conduziam pelos paradigmas modernistas de formação polivalente com ênfase no mito da criatividade e em disciplinas técnicas com rasas reflexões teóricas.

Portanto, qualquer sugestão para pontuar limites ou propor expansões de contornos da atuação acadêmica na formação inicial do artista visual prescinde do conhecimento acurado da realidade onde atuam esses profissionais.

#### **4 AS EXPERIÊNCIAS DOCENTES DOS EGRESSOS DO CSTAP - IFCE**

Os cursos de tecnologia regulamentados pela Resolução CNE/CP3 do Conselho Nacional de Educação, de 18.12.2002, estabelece como critérios para planejamento e organização do Ensino Superior Tecnológico uma demanda de cidadãos: do mercado de trabalho e da sociedade que se identifica com a vocação de uma instituição de ensino em sintonia com as políticas de desenvolvimento sustentável do país. Embora o IFCE tenha desenvolvido um sólido ensino de Arte para o Ensino Médio ao longo dos anos 1990, o ensino superior de Arte aparecia como um contraponto à tradição do ensino técnico profissional desenvolvido até então.

O Curso Superior de Tecnologia em Artes Plásticas – CSTAP - foi criado em 2001 e oferecia disciplinas como Fundamentos da Linguagem Visual, História da Arte, Desenho, Pintura, Gravura, Computação Gráfica, Fotografia e Design Gráfico. O perfil do egresso descrevia o tecnólogo em artes plásticas como um profissional com habilidade na utilização de técnicas e materiais aplicados que compreende e utiliza os fundamentos da linguagem visual. Previam-se como espaço de atuação as empresas de programação visual, agências de propaganda, museus, galerias de artes plásticas e centros culturais. No entanto, o título tecnólogo em Artes Visuais divergia tanto em sua nomenclatura quanto em sua proposta filosófica do formato profissionalizante, uma vez que a ênfase do curso era a produção artística autoral. Por não delimitar um foco específico de atuação para o egresso, o CSTAP se aproximava mais de um bacharelado, tanto pela carga horária que era de 2700 horas assim como pela visão humanista de arte.

Os cursos de tecnologia se caracterizam por uma formação rápida, concentrada numa área de conhecimento e conectada com as competências e habilidades exigidas pelo mercado de trabalho. Em geral a organização curricular desses cursos é de 1.600 horas integralizada em dois anos. A propaganda, às vezes enganosa, da absorção imediata de profissionais em formação, através de estágios profissionais, alimenta a ideologia pragmática desses cursos e do mercado de trabalho.

Identidade e profissionalização do artista é um tema emergente na formação acadêmica dos cursos de artes, pois abre perspectivas para discutir questões como identidade profissional, políticas públicas para as artes, questões de gênero, formação inicial e continuada, organização profissional e sindical. Essas questões evidenciam os paradigmas atuais da formação de artistas visuais no Brasil, alinhados em duas vertentes. A primeira atrela conceitos de criatividade e de materiais aos processos especializados das indústrias que é o mundo do design. A segunda articula diferentes proposições de ensino aos diversos contextos educativos dinamizando o mundo da docência. No entanto, a formação acadêmica de artistas visuais, atores, músicos, dançarinos ainda se concentra nos formatos de bacharelado ou de licenciatura. O Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (2010) classifica uma série de profissões inerentes às Artes Visuais como design de moda, design gráfico, design de interiores, design de produto, e também a produção audiovisual, produção cênica, produção cultural, conservação e restauro. Enquanto a tendência desses cursos é de uma formação inicial bastante especializada, os cursos de formação de professores de Artes Visuais para a Educação Básica ainda priorizam apenas o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, deixando para formação continuada, cursos de especialização em áreas específicas ou de interface.

Embora as questões do mercado de trabalho não tenham sido discutidas em disciplinas específicas nem em eventos acadêmicos ao longo da formação desses egressos, todos os convidados comentaram a importância da formação acadêmica do artista, reconhecendo-a como um espaço de reflexão sistematizado sobre as Artes Visuais que incide diretamente no desempenho criativo, provocando um diferencial para o mercado de trabalho. Conforme descrito anteriormente, com o propósito de resguardar a identidade dos narradores, cada um foi identificado por uma cor.

[...] eu não tinha nenhuma experiência conceitual, a minha relação com a história da arte era pouquíssima, por isso eu acho importante o artista estudar na universidade. (Verde)

[...] Desde o começo até hoje, todos os caminhos que percorri foram guiados pelo IFCE, me ajudando a ser o profissional que sou hoje. (Azul)

[...] Acho importante esse momento, para quem está chegando e para quem está saindo, porque na minha época de aluno eu só conhecia o ateliê particular como espaço de trabalho. Esses relatos de experiência ajudam a conhecer o mercado de trabalho. (Verde)

A ênfase à produção comercializada como obra de arte não se sustentava como meta individual e poucos se enveredaram por esse caminho. Era necessário inserir-se nas oportunidades de trabalho e nas políticas públicas de arte para continuar sendo artista.

[...] me deu na cabeça de fazer xilogravura e fiz quatorze pranchas. Então, o que é que eu ia fazer com essas pranchas? Eu queria fazer uma exposição, mas não tinha dinheiro para isso, então, eu fui atrás dos editais. [...] (Verde)

Nos últimos dez anos, instituições financeiras como o Banco do Brasil, o Banco do Nordeste e o Banco Itaú, através de seus institutos ou centros culturais, têm estimulado os artistas visuais com seus editais. Também a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza – SECULTFOR- tem incentivado a participação de artistas visuais nos concursos públicos que financiam projetos artísticos para a cidade. O edital estimula a produção artística contemporânea, favorecendo a pesquisa em arte e algumas ações desenvolvidas individual ou coletivamente. No entanto, para participar de um edital, o artista precisa saber comunicar seus interesses e objetivar ações seqüenciadas para o financiamento pretendido.

Eu fiquei atenta aos editais. O edital é uma forma de você ter a oportunidade de mostrar o seu trabalho. O trabalho contemporâneo normalmente não se vende. O artista não é só aquele que entende de quadro, que pinta. Também é aquele que trabalha com seu corpo, com seu sentimento. Então o edital é uma oportunidade que o artista tem para obter recursos de uma instituição patrocinadora, para fazer uma exposição, manter uma pesquisa, manter um processo de tempo para desenvolver o seu próprio trabalho. [...] graças a Deus que existem instituições que proporcionam isso para o artista contemporâneo porque é uma forma de ele manter a sua pesquisa e acreditar no seu trabalho. [...] (Amarelo)

Para o artista, já não basta ter uma produção autoral, é preciso lidar com cronogramas e detalhes fiscais. A importância de um bom planejamento orçamentário, identificando despesas, impostos, materiais e serviços fortalecem a transparência dos concursos. Planejar ações educativas como palestras, conferências e minicursos são contrapartidas explicitadas nos editais. Os egressos reconheceram o incentivo dos editais, porém questionaram alguns critérios seletivos e algumas ações de curadoria que beneficiam modismos.

É importante conhecer as instituições culturais suas metas, financiamentos e eventos para diferenciar as ações propostas em cada edital. Os egressos reconheceram na formação acadêmica, em especial a elaboração de projetos, como um diferencial na participação de editais. Contudo vale salientar que esses incentivos não regulam a profissão do artista visual. Prevalece a tendência de artes aplicadas no mercado de Fortaleza. A produção autoral enquanto única fonte de renda continua inviável para a maioria dos egressos.

Como a demanda premente da cidade é de professores de Arte para o Ensino Fundamental, muitos tecnólogos foram convidados para trabalhar como docentes em escolas privadas:

Algumas escolas e outras instituições ligavam, aqui para o IFCE perguntando por alunos disponíveis para trabalhar com ensino de Arte. Aí, a coordenação me informou sobre a oportunidade de emprego, e eu aceitei. Assim, foi acontecendo, e essas oportunidades favoreceram a expansão do meu currículo. (Azul)

Ou em projetos sociais desenvolvidos no terceiro setor que tem objetivos distintos da escola:

[...] É um público complicado de trabalhar porque você não tem uma frequência linear. Você começa uma aula hoje, e no outro dia não encontra mais aquele menino porque ele voltou para a rua novamente. (Vermelho)

Várias instituições sociais em Fortaleza desenvolvem atividades de arte/educação com crianças e jovens em situação de risco. Ganham maior visibilidade os projetos articulados pela Fundação da Criança e da Família Cidadã – FUNCI, órgão da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Dentre outros, destaca-se o projeto Crescer com Arte que utiliza alguns paradigmas da arte/educação como ferramenta metodológica da instituição,

proporcionando a crianças e adolescentes espaços de expressão a partir das modalidades artísticas. Inicialmente os adolescentes reproduziam procedimentos e técnicas ensinadas pelos educadores. Atualmente, os mais dedicados desenvolvem ações vetoriais de aprendizagem, organizando oficinas de arte e atuando eles próprios como instrutores de grafite ou de audiovisual para novos públicos.

Todavia, algumas ações educativas em Artes Visuais não se limitavam ao ensino formal ou aos projetos sociais, havia possibilidades em outros contextos como o da saúde mental. Alguns egressos comentaram sua participação em projetos desenvolvidos nos ateliês dos Centros de Atenção Psicossocial – CAPS, órgãos ligados à Secretaria Municipal de Saúde (SMS), que desenvolvem tratamentos alternativos nos hospitais psiquiátricos para pessoas com transtornos mentais ou que fazem uso abusivo de drogas. Cada CAPS desenvolve suas atividades com uma equipe multidisciplinar, que inclui a participação de artistas de diferentes linguagens.

Durante a graduação eu tive a oportunidade de fazer uma cadeira opcional de arteterapia, e acabei me deparando com outra abordagem sobre essa área. [...] O curso de arte foi um lugar de abertura, de conhecimento e de direcionamento para o olhar do arteterapeuta. (Branco)

A formação teórico-prática que eu tive aqui me ajudou muito. A minha inserção na área de saúde mental aconteceu a partir de uma vivência que eu tive em arteterapia. Duas disciplinas foram ofertadas na época, e naquele período eu achava que não iam ter uma aplicação prática na minha vida profissional. Já graduado, surgiu uma oportunidade de eu atuar em saúde mental, trabalhando num Caps de Fortaleza. Essa experiência me ajudou a incorporar nesse contexto as diversas técnicas que eu aprendi aqui: arteterapia, pintura, desenho [...].(Preto)

Também foram relatadas experiências de arte como mediação cultural e social:

Eu acho que é um desafio para os mediadores preparar o público para essas ações que estão acontecendo na rua, para a performance, para a intervenção urbana.[...]. Fazer com que essa pessoa que está no ônibus perceba alguma coisa que está no muro, na rua. Eu acho que é papel dos mediadores, levar essa informação também para o público do museu, para ele perceber as manifestações de arte que estão na rua, pela cidade. (Marron)

[...] consegui dialogar com pessoas que nunca tinha visto antes no museu. Gente que pedia esmola, meninos que vendiam doce nas paradas de ônibus, faxineiros do terminal de ônibus. As pessoas perguntavam o que era aquilo, as obras. Eram pessoas que não tiveram oportunidade ou coragem de atravessar aquele muro, aquele portão eletrônico no MAC ou de qualquer outro espaço museológico, aqui da cidade, para conhecer o que tem lá dentro. (Cinza)

Segundo Coutinho (2009), as estratégias de mediação começaram a ser efetivadas na década de 1990, quando um grande fluxo passa a frequentar os museus e espaços culturais. Os grandes museus internacionais e coleções particulares começaram a circular parte de seus acervos pelas capitais brasileiras, gerando uma massa de visitantes. Nesses espaços a mediação cultural se dava pela abordagem de educadores na fruição das obras, vinculando-as aos contextos sócio-econômicos e político em que foram produzidas.

Em Fortaleza, a maioria dos estágios profissionais oferecido para os estudantes de Artes Visuais concentra-se em instituições públicas como o Centro Cultural Dragão do Mar, o Centro Cultural Banco do Nordeste, o Sobrado José Lourenço e o Serviço Social do Comércio - SESC, que desenvolvem atividades educativas e de mediação cultural e social para distintos públicos. Existe ainda o Espaço Cultural da Universidade de Fortaleza – UNIFOR- que desde 2004 movimenta exposições de Artes Visuais. Entretanto, esse espaço privado engaja como estagiários, preferencialmente, alunos dos cursos de graduação dessa instituição.

## 5 IDENTIFICANDO AMBIENTES DE DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS

A maioria dos narradores referiu-se as suas experiências docentes de forma positiva, como um desafio prático que estimulava a busca de novos saberes. Sobre esse aspecto Therien & Therien (2009, p.103) comentam que no “trabalho docente predomina indiscutivelmente uma racionalidade prática, de ação comunicativa pelos recursos da linguagem que viabiliza as relações intersubjetivas entre os participantes de processos de aprendizagem”. Desse modo a aprendizagem do mundo profissional e cidadão exigiu uma articulação dos saberes curriculares dos conteúdos da graduação com o repertório de outros saberes

construídos ao longo de suas trajetórias pessoais que foram em situações pontuais transformados em conhecimento acessível para outras pessoas, os alunos.

Ficou evidente que para muitos egressos do CSTAP a formação inicial de artista visual carecia de um direcionamento profissional mais objetivo, no entanto, essas carências só se tornaram visíveis à medida que os desafios profissionais iam surgindo. Portanto, para atuar como mediador cultural, mediador de ateliê, professor de Artes Visuais para projetos sociais governamentais ou para escola formal, são necessárias competências específicas para cada contexto.

Para que o ensino de arte possa contribuir efetivamente no processo educativo, é essencial conhecer seus pressupostos, mas é igualmente indispensável que se compreendam os princípios e os propósitos da situação educativa onde ela será aplicada. A transposição automática de abordagens pedagógicas de uma situação educacional para outra, como, por exemplo, do ensino formal para o não formal, sem levar em conta as peculiaridades de cada contexto, corre o risco de se transformar em algo inócuo ou desprovido de sentido. (CARVALHO, 2008, p.12.)

Os egressos que estagiaram como mediadores se referiam aos conhecimentos necessários para suas atividades como uma série de conexões entre curadores, pesquisadores, autores, artistas e público. Para Caillet (2009), a mediação cultural é um ofício que envolve diversificadas funções variando conforme o tamanho das instituições e equipamentos culturais, exigindo diferentes competências. A autora pontua como conhecimentos aqueles relacionados ao público, aos domínios artísticos e culturais, aos espaços. As atividades estão relacionadas à gestão, informação, expografia, audiovisual, edição, entre outros.

Para esses egressos, a compreensão dos espaços institucionais tornava-se mais articulada e mais estimulante com a preparação e montagem de uma nova exposição. Os conhecimentos sobre o espaço, os acervos, os artistas e os formatos das obras expostas exigiam atividades pontuais para distintos públicos: adultos, turistas, escolares (infantil e jovens) etc. Atuar em qualquer ponto dessa cadeia de ações era um desafio, porém planejar atividades para o público escolar começava com o desafio de envolver os professores de Arte que pouco compareciam às atividades preparatórias das visitas. Aqui se detecta a fragilidade de um dos elos que dão sentido a mediação cultural. Não caberia nesse espaço discutir as razões porque tão poucos professores se utilizam dos museus ou outros equipamentos culturais de Fortaleza como recurso didático, no entanto, essa problemática merece investigação.

Os egressos que se inseriram nos ateliês institucionais como os dos CAPS comentaram a importância de disciplinas optativas, como as de Arteterapia que abriram espaços para atuação em contextos multidisciplinares. O uso de procedimentos de Artes Visuais como mediador terapêutico tem se expandido consideravelmente nas instituições de assistência social. No entanto, essas atividades se orientam de acordo com várias tendências. Predomina na maioria dessas ações a produção plástica como acesso à comunicação verbal. Para conduzir um ateliê nessas condições é fundamental que o artista domine conhecimentos específicos sobre materiais, instrumentos e suportes, assim como ter noções elementares das teorias psicológicas que levam em conta a produção de imagens e suas representações. Além disso

é preciso um certo hábito de escutar aquilo que na produção do sujeito pode ser de ordem do inconsciente, não exatamente para “interpretar” ou dar aos conteúdos explícitos suas significações implícitas, mas sim para confundir uns com os outros. Não é o conteúdo inconsciente que se torna consciente, mas pode-se deduzir da produção consciente – palavra ou representação – aquilo de que o funcionamento é causa. (PAÏN & JARREAU, 1996, p. 16).

Nesse tipo de ateliê, a obra de arte em si perde espaço para a significação que lhe atribui o sujeito que a produziu. Daí porque a necessidade de uma equipe multidisciplinar que envolve médicos, enfermeiros, psicólogos, e artistas de várias linguagens: música, teatro e dança.

Alguns egressos que concorreram aos editais públicos se depararam com outras instâncias de aprendizagem que agregaram valor a sua produção autoral. Para utilizar-se de equipamentos públicos, destaca Ferreira (2005), era preciso uma produção teórica que argumentasse como aquela produção inovadora, experimental ou conservadora contribuía para a formação de valores estéticos e, não bastava um plano técnico de ocupação dos espaços para os administradores,

[...] no caso da implantação de políticas de cultura especificamente, em Artes Visuais, as estruturas administrativas e jurídicas constituem um enorme obstáculo, pois estabelecem rotinas que são avessas as inovações e as mudanças, exigindo uma forma de planejamento e de ações administrativas que, na maioria das vezes, dificulta o trabalho artístico, já que este opera com uma lógica e em um tempo que quase sempre são opostos a lógica e ao tempo da burocracia estatal. (FERREIRA, 2005, p.73.)

Nesse seguimento ficou mais evidente a necessidade da participação de artistas visuais no debate das políticas públicas que ainda concebem arte como entretenimento sem função pedagógica. Para a montagem de uma exposição, é importante pensar num público e nas estratégias para alcançá-lo, inclusive conversar com os mediadores que vão atuar diretamente com o público.

Prever um ambiente de atuação para os tecnólogos fazia parte do projeto institucional do CSTAP, no entanto, como afirmou Ribeiro (2003) está cada vez mais difícil identificar parâmetros definidos para um mercado de trabalho no mundo globalizado. Para o autor, o mercado é um espaço de conflitos e disputas, dentro do qual ainda é possível viabilizar projetos individuais. É possível que os ambientes aqui identificados se consolidem como espaço de formação profissional gerando demandas por cursos específicos de qualificação ou pós-graduação. Porém, todos fazem parte de uma teia de atividades que passam necessariamente pela sala de aula e por um professor de Artes Visuais.

Portanto, a licenciatura em Artes Visuais é o espaço de formação básica que oportuniza projetos individuais, mas que não pode fazer previsões de como cada egresso vai se inventar ao correr de sua vida. Pressupõe-se que quanto mais escolas tiverem professores de Arte atuando no ensino básico, melhores serão as novas gerações e as novas platéias; mais específicos e detalhados serão os editais; haverá mais ateliês públicos para atender mais pessoas, melhor será a cidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do curso Superior de Tecnologia em Artes Plásticas serviu de base para estruturar o projeto do curso de Licenciatura em Artes Visuais - CLAV que foi criado em 2008 atendendo às diretrizes do Parecer CNE/CES Nº 280/2007. O perfil do formando do novo curso atende a emergente demanda de um contingente de professores de Arte para atuar no Ensino Básico de Fortaleza, entretanto, alguns ajustes na matriz curricular têm sido efetuados para otimizar a formação inicial desse licenciando como artista-professor-pesquisador.

As experiências docentes relatadas pelos egressos do CSTAP confirmam a demanda reprimida de profissionais de Artes Visuais para o Ensino Fundamental e Médio. Recentemente algumas instituições como a Secretaria Municipal de Ensino de Fortaleza – SME, requisitaram ao CLAV estagiários para implementarem e desenvolver projetos educativos em Artes Visuais em algumas escolas públicas. Constantemente as escolas particulares, ONGs e centros culturais reforçam essa solicitação.

Esses estágios profissionais colaboram na formação do licenciando permitindo que este tenha uma inserção nos contextos educativos da cidade, aproximando-o de realidades diversas e estimulando-o a efetivar e inovar práticas educativas. Tais práticas animam discussões em disciplinas específicas da formação profissional como Estágio Supervisionado, Metodologias do Ensino de Artes Visuais e Pesquisa no Ensino de Artes Visuais.

Ao desvelarem as instituições, seus funcionamentos e particularidades, os licenciandos identificam problemas e desenvolvem estratégias para resolvê-los, seja na escola com a disciplina Arte, seja no museu com a mediação cultural e social, ou nos cursos de iniciação artística propostos em projetos sociais.

A criação da SAVIFCE, atualmente institucionalizada pelo CLAV como atividade acadêmica, foi instrumento eficaz para mapear as intenções deste estudo. Esse evento em apenas duas edições provocou desdobramentos significativos que sinalizam um diálogo mais amplo com a formação inicial do artista visual e a docência em Artes Visuais. O mais evidente deles foi a criação do Fórum de Arte/Educadores de Fortaleza que congrega alunos e professores de algumas instituições locais para discutir temáticas relativas a essa interface.

Os ambientes de iniciação profissional identificados nas narrativas dos egressos do CSTAP apontam para a necessidade de habilitar profissionais para tais contextos. Fortalecer a graduação em Artes Visuais permitirá



em médio prazo organizar cursos em diferentes níveis de aprofundamento. A qualificação do corpo docente torna essa perspectiva mais evidente.

Considerando as experiências dos egressos do CSTAP, o curso inseriu artistas visuais no mercado de trabalho local, tanto nas áreas previstas no seu projeto pedagógico, como em outros segmentos. Embora a cidade, por meio de alguns equipamentos culturais públicos tenha estabelecido uma conexão mais ampla com artistas de outros lugares do país e do mundo, pouco se discutem os parâmetros que animam a implementação das políticas públicas para o ensino de Arte. Poucos programas, projetos, atividades que envolvem Artes Visuais alcançam as comunidades mais pobres da periferia.

Excetuando alguns festivais mantidos a duras penas, e os escassos cursos de formação de artistas, essas ações administrativas oscilam ao sabor dos programas de governo municipal. Embora a iniciativa do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – CUCA- inaugurado e mantido pela Prefeitura de Fortaleza (09.09.2009) é flagrante a escassez de equipamentos culturais e, sobretudo, a ausência de professores de artes visuais habilitados para atender a população escolar de Fortaleza.

O êxito conseguido por algumas ONGs pelo país e especificamente em Fortaleza tem atraído egressos e licenciandos desejosos de atuar com educação não-formal. Essas instituições objetivam integrar socialmente crianças e adolescentes em situação de pobreza, pela prática de linguagens artísticas que se convertem no eixo estruturante de suas atividades. Essa vertente profissional merece um olhar mais aprofundado, haja vista ter revelado ações que permitem identificar práticas e propostas educativas em artes visuais bem sucedidas. Então, como o CLAV poderia contribuir para a atuação de profissionais que atuam nesse seguimento?

Os desafios do curso de licenciatura em Artes Visuais do IFCE são muitos. Entretanto, o mais evidente deles é a integração de dinâmicas que efetivem a formação de um artista-professor-pesquisador habilitando-o para lidar com essas demandas educativas que não se limitam à escola. As alterações da matriz curricular do curso recentemente efetivadas contemplam alguns desses desafios, pois considera-se a licenciatura não como uma formação compulsória, mas como um contexto acadêmico diversificado no qual se engendram múltiplos caminhos para a atuação do artista.

Espera-se que o licenciado possa atuar com mais segurança tanto na sala de aula, desenvolvendo o conhecimento específico das Artes Visuais, articulando-o às modalidades e tecnologias das ações contemporâneas, como participando das políticas públicas locais e nacionais que fomentam a pesquisa<sup>1</sup> e a produção em Artes Visuais.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia**. Resolução CNE/CP3 de 18.12.2002. Disponível em [www.mec.gov.br/setec/legislacao](http://www.mec.gov.br/setec/legislacao). Acesso em 16.11.2011
- BRASIL, Ministério da Educação. **Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília, 2010. Disponível em [www.mec.gov.br/setec](http://www.mec.gov.br/setec). Acesso em 16.11.2011.
- CAILLET, E. Políticas de emprego cultural e ofício de mediação. In: BARBOSA, A. M. ; COUTINHO, R. G. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CARVALHO, L. M. **O ensino de artes em ONGs**. São Paulo: Cortez, 2008.
- COUTINHO, R. G. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: BARBOSA, A. M. ; COUTINHO, R. G. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FERREIRA, K. P. **Políticas públicas e sistema das artes**. Londrina: Eduel, 2005.
- PAÏN, S. **Teoria e Técnica de arte-terapia: a compreensão do sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- RAMOS, M. N. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com o apoio do Programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico PIBIT/CNPq e do Programa de Apoio a Produtividade em Pesquisa – ProAPP. Editais 04/2010/PRPI/IFCE.

RIBEIRO, R. J. **A universidade e a vida atual**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SECULTFOR. Secretaria de Cultura de Fortaleza. **Edital das Artes 2010**. In:

[http://www.fortaleza.ce.gov.br/cultura/index.php?option=com\\_content&task=view&id=10217](http://www.fortaleza.ce.gov.br/cultura/index.php?option=com_content&task=view&id=10217). Acesso em 22.11.2011.

SOUZA, E. C. **Autobiografias, história de vida e formação: Pesquisa e ensino**. Salvador, Bahia: EDUNEB – EDIPUCRS, 2006.

THERIEN, J. & THERIEN, S.M.N. Formação para além do ensino na docência universitária: reflexões ancoradas na formação cidadã. In: SALES, J.A.M.; BARRETO, M.C.; FARIAS, I.M.S. (orgs). **Docência e formação de professores: novos olhares sobre temáticas contemporâneas**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

Recebido: 21/03/2012.

Aprovado: 14/05/2012.